

A REPUBLICA  
DAS LETRAS

PERIODICO MENSAL DE LITTERATURA

---

DIRECTOR — JOÃO PENHA

---

ADMINISTRADOR — ALFREDO CAMPOS

---

N.º 2 — PRIMEIRO ANNO — MAIO

---

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA  
62, Rua da Cancellia Velha, 62

—  
1875

REPUBLICAN

CASE FILES

1870-1875

RECORDS OF THE

OFFICE

OF THE

1870-1875

RECORDS OF THE

OFFICE

OF THE

# Litteratura hespanhola

## D. JOSÉ AMADOR DE LOS RIOS

Os apontamentos biographico-litterarios de D. José Amador de los Rios, que hoje damos a Portugal, são de todo o ponto importantes pela excellencia da pessoa a que se referem, que não pela humildade da penna que os traça.

Em verdade, o snr. Amador de los Rios é um dos homens que mais alto se teem elevado na Europa, não só pela vastidão de seus conhecimentos, senão pela rectidão de seus juizos e pertinaz estudo. As considerações, que faremos de sua pessoa e escriptos, mostrarão que não somos exaggerado.

Nasceu a 30 d'abril de 1818 em Baena, villa populosa e rica da provincia de Cordova, da antiquissima e nobre familia *De los Rios*, arreigada n'aquelle reino desde a sua reconquista, levada a cabo por S. Fernando. Foram seus paes D. José, e D. Carmen Serrano y Padilla.

Depois de aprender em sua patria as primeiras letras, estudou alli grammatica castelhana com o douto sacerdote D. Domingo Nalenzuela, que com extraordinaria habilidade e prudencia o iniciou nos principios da grammatica geral, mui superiores a sua idade precoce.

Passou a Cordova em 1827 a estudar as humanidades debaixo da direcção de D. Juan e D. Telesforo Monroy, mui entendidos latinis-

tas, e cursou a philosophia elementar no afamado seminario de S. Pelayo, sendo seu lente o illustre D. Antonio Rosales, actual bispo de Almería.

Em 1832 passou-se a Madrid com sua familia. Estava por esse tempo algum tanto aplacada a perseguição movida a seu pae, como liberal que era; e quando este voltou da emigração, ordenou que seu filho se matriculasse de novo nos *Estudios de Santo Izidro* para que recebesse n'elles os das principaes materias já cursadas no Seminario de Cordova. Havendo sido o cultivo das bellas-artes, principalmente a esculptura, asylo e refugio de seu pae durante os dias longos e monotonos da emigração, quiz este que seu filho professasse tambem os estudos da pintura, e para tal fim o encommendou aos cuidados dos esculptores D. José Giner e D. José Piquer. Matriculou-se por fim nas classes que por aquelle tempo abriu de novo a real academia das Nobres Artes de S. Fernando, chegando em breve ás de *natural* e *colorido* sob a direcção do doutissimo D. José de Madrazo, pae de D. Frederico. Em quanto d'este modo seguia os estudos artisticos, não abandonava suas affeições litterarias, exercitando-se principalmente no cultivo da poesia, sem comtudo dar á luz seus ensaios poeticos, apenas conhecidos de seus condiscipulos mais intimos.

A leitura da historia fazia suas principaes delicias. As chronicas hespanholas, publicadas no seculo passado, eram seus livros favoritos; e entre os historiadores de Hespanha dava a preferencia a Mariana, em cuja leitura se havia exercitado desde que frequentou philosophia no seminario de Cordova.

Por este mesmo tempo estudava as linguas franceza e italiana; a primeira sob a direcção de D. José Udias y Gonzalez, a segunda de D. Juan de la Cruz Firado, que o iniciaram no conhecimento de ambas as litteraturas.

Assim passava D. José Amador de los Rios aquelles seus dias da infancia, repartindo-os pelas aulas da academia de S. Fernando e pelas investigações do museu real do Prado, onde copiava e estudava com especial carinho a Murillo e Velasquez, paes da escola hespanhola, quando chegou o momento em que o atheneu litterario e scientifico de Madrid abriu suas cadeiras ao publico. D. Alberto Lista y Aragon deu seu primeiro curso de litteratura dramatica hespanhola, de 1836 a 1837, e este facto veio a fixar a vocação de D. José, e ainda sua futura sorte. Lista lamentava-se com frequencia, em suas lições, de que Hespanha, cuja riqueza litteraria era tão prodigiosa, carecesse de uma historia de seus engenhos. Amador de los Rios atreveu-se a pensar n'esta obra, e, o que mais é, a communicar a Lista seu titanico intento. O sabio e indulgente professor elogiou o projecto, e desde aquelle momento a historia da litteratura hespanhola foi o bello ideal e a occupação constante de Amador de los

Rios. As vicissitudes politicas o levaram de novo a Andaluzia, alli por fins de 1837. Tinha por essa occasião dezenove annos. Ao pisar o solo de Sevilha, onde seus paes se estabeleceram, sentia renascer em seu peito o anhelos das letras, ao mesmo tempo que admirava, com o afão de imital-as, as immortaes creações de Murillo. Foi esta a primeira empresa que commetteu na cidade do Betis; porém uma circumstancia casual veio, no meio d'aquelle proposito, recordar-lhe o seu compromisso com o sabio Lista, como veio a despertar de vez suas affeições litterarias. Amador de los Rios copiava as grandes obras de Murillo no mesmo local da bibliotheca Colombina. Alli todos os momentos de descanso, que lhe permittiam suas tarefas artisticas, os consagrava á investigação, leitura e copia, já de curiosas noticias e poesias de vates pertencentes á escola sevilhana, já de escriptores de artes ou antiguidades, já de historiadores locaes, pelos quaes mostrava predilecção extremada.

Bem depressa a bibliotheca Colombina foi o ponto de reunião de quasi todos os jovens estudiosos de Sevilha que a frequentavam; primeiro para o vêr pintar e discutir com elle *de re litteraria*, e depois para pensar formalmentê em constituir uma academia, onde todos podessem auxiliar-se mutuamente com suas advertencias e conselhos. Dentro em pouco a parte da referida bibliotheca, destinada a servir-lhe de estudo, se converteu em centro de reunião litteraria, que honraram a meudo com sua presença pessoas tão distinctas como D. Manoel Lopez Cepero, então thesoureiro e depois deão d'aquella patriarchal igreja, e D. Serafin de Soto, conde de Clonard, capitão geral que era então de Andaluzia.

O projecto da academia amadouro por fim, vindo esta a constituir-se em um local cedido pela Sociedade Economica de Sevilha, e para logo sahiu á luz debaixo do nome de *El Cisne* o fructo d'aquellas vigiliias infantis. Dominava por aquelles dias no parnaso hespanhol a escola romantica, e os novos academicos não lhe negavam, em verdade, seus mais ardentes tributos. *El Cisne* dava a conhecer, ao pé de numerosas poesias, fundidas nos moldes romanticos, nomes que estavam destinados a figurar com gloria na republica das letras, e no fôro e professorado de Hespanha. Ao lado de D. Juan José Bueno e D. Francisco Rodriguez Zapata, de D. José Fernandez Espino e D. Javier Valdelomar y Pineda, D. Miguel Tenorio e D. José Muntada appareceu o de Amador de los Rios com analogas composições já em prosa, já em verso. Suas odes *Al genio de la pintura*, *A Murillo* e *A la historia de España*, seus artigos historicos do *Paso honroso* (de Suero de Quiñones) e seus trabalhos archeologicos sobre a estatuaria grega, em que analysava o *Apolo Pyteon*, o *Grupo de Laocoonte* e outras obras analogas, mostravam, por um lado, que não havia de dominal-o por muito tempo a exaggeração romantica; por outro, pareciam assignalar de antemão o caminho que para o fu-

turo deviam seguir seus estudos e aspirações. Extremamente activa foi por sem duvida aquella primeira época da vida litteraria de Amador de los Rios.

Em quanto, de collaboração com seu intimo amigo D. Juan José Bueno, publicava em 1839 um tomo de poesias, que na imprensa de Cadix e de Sevilha foram favoravelmente julgadas por escriptores tão respeitaveis como Lista e o Duque de Ribas (D. Angel de Saavedra), inscrevia-se entre os discipulos particulares do dr. Manoel Mesia del Marmol, douto e bondoso mentor da juventude sevilhana, para se aperfeiçoar nos estudos criticos da litteratura hespanhola, logrando ganhar a predilecção d'aquelle respeitavel humanista a ponto de por elle ser proposto para socio da Academia sevilhana de boas letras em outubro do dicto anno de 1839, proposta que teve a honra de ser admittida por unanimidade, sendo o proposto dispensado das formalidades ordinarias.

Entretanto havia D. Alberto Lista aceitado a direcção do Collegio de Humanidades de S. Philipe de Neri, de Cadiz; e aproveitando todos os momentos que lhe deixavam livres suas occupações, passava Amador de los Rios a visital-o com frequencia, a fim de lhe communicar seus progressos na investigação das noticias litterarias, que sem descanso copiava com o intento de levar a cabo seu compromisso feito no atheneu de Madrid. Estas frequentes visitas, que eram na realidade mui fructuosas conferencias litterarias que principalmente recahiam sobre a litteratura antiga, vigorisando seu espirito, o animavam a tomar parte nas conferencias publicas que estabeleceu, por proposta sua, a mencionada *Academia sevilhana de buenas letras*, com o fim de illustrar a historia da civilisação hespanhola, cabendo-lhe a honra, como presidente da secção de Letras, de expôr a parte litteraria (trabalho que formou dous cursos de litteratura hespanhola) e de resumir a discussão mensalmente.

Semelhantes trabalhos, que pareciam duplicar a actividade de Amador de los Rios, tinham logo pratica applicação na *Floresta andaluza*, revista primeiro semanal e quinzenal, mais tarde dirigida e escripta quasi em sua totalidade por elle mesmo, e achavam mais amplo emprego e corôa em uma obra historico-litteraria, como a tinham tambem os estudos artistico-archeologicos em outra obra artistica.

De 1841 a 1842, em quanto estudava os monumentos mais celebres da capital da Andaluzia, dava á luz a *Historia de la litteratura española*, deduzindo-a da *Histoire de la litterature du Midi* do genebrino Mr. Sismonde de Sismondi. Tinha emprehendido este trabalho D. José Lorenzo Figueroa, distincto advogado de Sevilha, muito dado aos estudos litterarios e philosophicos; porém, já porque mais urgentes trabalhos lhe desviassem a attenção para outro lado, já porque o desgottasse o pequeno exito da subscripção aberta para levar

a cabo tal intento, interrompeu a publicação nas primeiras entregas, ponto em que os editores acudiram a solicitar que a tomasse a seu cargo Amador de los Rios, cuja competencia era indisputavel.

Aceito aquelle trabalho, formou este dous tomos em quarto d'aquella parte da *Historia* de Sismondi, dedicada á litteratura hespanhola, augmentando-o com trabalhos de sua lavra e enriquecendo, mórmente, o estudo dos poetas sevillhanos do seculo XVI e o do theatro hespanhol. Passados dous annos, já nos primeiros mezes de 1844, sahia a lume a *Sevilla Pintoresca*, obra destinada a descrever os mais gabados monumentos d'aquella cidade, apresentando-os debaixo de um ponto de vista inteiramente novo, com subjeição aos principios fundamentaes da esthetica. O exito d'estas duas obras, ao qual se aggregou o não menos satisfatorio que obtiveram no *Theatro principal* da capital referida a comedia intitulada *Empeños de amor y honra* e os dramas denominados *Felipe el atrevido* e *Don Juan de Luna*, fazendo publica a vocação de Amador de los Rios, resolveu-o a passar-se de novo a Madrid, o que verificou em abril do mesmo anno de 1844. Começava d'esta maneira uma segunda época da sua vida. Chegando á côrte deu logo a conhecer alguma parte de suas locubrações criticas, logrando captar com taes trabalhos a amizade e consideração dos homens de letras, com a benevolencia de tão respeitaveis personagens como D. Antonio Gil de Zarate, chefe de instrucção publica, e D. Pedro José Pidal, ministro da governação do reino. Concluiam estes por aquelles dias o projecto de crear uma commissão central, que velasse nas espheras administrativas pela conservação dos monumentos historicos e artisticos; e conhecida a *Sevilla Pintoresca* não hesitaram em offerecer a secretaria d'aquella junta a Amador de los Rios. Achou este na dicta offerta invencivel estimulo a suas affeições artistico-archeologicas, e se antes havia recusado aceitar outros mais brilhantes cargos da administração, não vacillou em aceitar aquella secretaria, que lhe ia dar, com a satisfação de os salvar da ruina, a possibilidade de recolher importantes noticias sobre os mais famosos e bellos monumentos de toda a Hespanha.

A *Memoria*, que escripta por elle veio nos ultimos mezes de 1845 á luz publica, deu a conhecer todo o zelo e laboriosidade que Amador de los Rios empenhou no cumprimento de seus deveres, como secretario da commissão central de monumentos.

Porém, em quanto assim correspondia á confiança do governo, procurava de novo justificar os titulos que lh'a haviam conquistado. Toledo devia ser, sem duvida, uma das cidades hespanholas que mais preciosos monumentos enthesourassem em seu seio: Toledo chamou pois vivamente a attenção de Amador de los Rios, que passando a estudar as antigas construcções da cidade dos concilios, dava á luz no seguinte anno de 1845 sua obra *Toledo Pintoresco*. O pensamen-

to que lhe serviu de base para escrever a *Sevilha*, recebia nova explanação no *Toledo*. Mais vária, se não mais rica, a cidade dos concilios que a capital da Andaluzia, de monumentos da idade media, dava-lhe occasião para ensaiar differentes classificações historico-archeologicas, que deviam achar inteira confirmação em occasiões e obras opportunas.

Firme em seu principal empenho de escrever a historia da litteratura patria, tinha aproveitado o tempo que permaneceu em Toledo para examinar a bibliotheca e o archivo da cathedral, a fim de recolher novos dados para aquelle fim. A riqueza d'estes preciosos depositos o forçava a repetir por alguns annos suas viagens, d'onde voltava repleto d'abundante colheita. Nos ultimos mezes de 1845 apparecia sob a firma do indicado ministro D. Pedro José Pidal um novo *Plano de Estudos*, destinado a mudar a face da instrucção publica em Hespanha; e, nomeado director geral da mesma D. Antonio Gil de Zarate, era associado aos trabalhos da implantação do novo systema Amador de los Rios, com o character de primeiro official da referida direcção. Encarregado da creação dos institutos (lyceus) de instrucção secundaria e do fomento das escólas e academias de bellas-arts, procurou tornar-se digno da confiança n'elle depositada, desenvolvendo tal actividade que, em breve tempo, rara era a provincia que não tivesse seu instituto, e não visse reformadas conjuntamente todas as indicadas escólas. E' por estes tempos que sobresahe o estudo da lingua hebraea a que poz hombros o erudito professor D. Antonio Maria Garcia Blanco.

Em meio de tantas lides administrativas e litterarias pensou Amador de los Rios seriamente n'uma vida mais pacifica e mais conforme a seus habitos de estudo. Creado o ministerio do fomento, e reformado o Plano de 1845 a 1847, abria-lhe este as portas do professorado. Contando com estudos sufficientes para aspirar aos titulos academicos que davam a aptidão conveniente, resolveu-se a tomal-os na Universidade Central, onde recebeu a solemne investidura de doutorado em philosophia e letras, e vagando nos estudos superiores da dicta faculdade a cadeira de litteratura hespanhola, fixou n'ella suas vistas. O Plano Reformado, no artigo 75, concedia aos autores de obras scientificas ou litterarias, qualificadas pelo conselho de instrucção publica, a faculdade de concorrer ás cadeiras vagas. Amador de los Rios submetteu ao juizo d'aquelle tribunal superior seus *Estudos historicos, politicos e litterarios sobre os judeus de Hespanha*, e o conselho declarando ao autor a aptidão mencionada o julgava digno de um « premio de justiça. »

A 7 de julho de 1848 lhe conferiu o governo, em cumprimento da lei, a cadeira de litteratura hespanhola nos estudos superiores da faculdade de philosophia da Universidade Central. O juizo da real academia de Historia, que em 5 de fevereiro anterior tinha inscripto



o nome de Amador de los Rios no catalogo de seus membros, precedendo exame dos seus estudos ácerca dos judeus de Hespanha, ficava plena e publicamente confirmado. Dados a lume os mencionados Estudos, sobre serem recebidos pela critica estrangeira com notavel applauso, foram traduzidos em quasi todas as linguas europêas, em grande parte extractados por mui distinctos escriptores francezes e allemães, e os pozeram em caracteres rabbinicos os escriptores mosaicos de Constantinopola.

Apenas Amador de los Rios foi installado em sua cadeira, deu logo principio a um ensino verdadeiramente critico, que recahiu por espaço de 23 annos em intelligencias tão distinctas como Alonzo Martinez, Castelar, Canalejas, Fernandez y Gonzalez, Campillo, Catalina, Vidal, Morayto e tantos outros que florescem hoje na tribuna, na cadeira, no fôro, na philosophia e nas letras, chamados todos a fazer o ensino praficuo e fecundo.

Posto já em maior socego, entregou-se de vez Amador de los Rios ás vigalias critico-litterarias sobre a historia da Peninsula; vigalias que desde 1837 formavam seu bello ideal. E em quanto que, como academico da Historia fazia de 1851 a 1855 a primorosa edição da *Historia geral y natural de las Indias, islas, y tierra firme del mar Oceano, del capitan Gonzalo Fernandez de Oviedo*, cuja biographia amplamente illustrada pôr á sua frente; dava á estampa as *Obras de D. Inigo Lopez de Mendonza, primer marquis de Santillana*, que precedidas tambem da vida d'aquelle illustre magnate castelhano e illustradas com abundantes notas e commentarios, appareciam em 1852 com applauso da critica nacional e estrangeira.

Conhecidas todas estas publicações pelos homens que diligentes cultivavam fóra de Hespanha os estudos litterarios, não tardou que D. José Amador de los Rios recebesse mui notaveis felicitações, e a la-par honrosas propostas de correspondencia litteraria. Primeiramente Philarète Charles, Merimé, os dous Circourt (Alberto e Adolpho), R. de Saint Hilaire, e Puibusque, peritos nos estudos historicos e litterarios relativos a Hespanha, e depois Le Clerc e Arnould, aquelle decano da faculdade de letras, o segundo professor de litteratura estrangeira na Sorbona. Em seguida vieram Baret e Le Combes, distinctos discipulos de ambos, e mais tarde o conde Puigmaigre e Ch. de Tourtoulon, insignes historiadores, que lhe offereciam sua amizade e lhe dirigiam repetidas consultas, a que respondia peremptoriamente o joven sabio Amador de los Rios. Mas, se de algum modo o podia lisonjear esta distincção dos escriptores francezes e sua tão interessante correspondencia, não lhe era menos grata a consideração que lhe davam os criticos allemães, a cuja frente, pelo que respeita ás cousas de Hespanha, se achava o douto Fernando José de Wolf, bibliothecario da bibliotheca imperial de Vienna. Já propondo-lhe difficeis questões criticas, já enviando-lhe seus excellentes traba-

lhos com a indeclinavel obrigação de lhe dar seu juizo sobre os mesmos, travou-se entre ambos uma larga correspondencia, da qual deram razão publica, por uma e outra parte, as obras successivas, cuja serie só foi interrompida pela sentida morte do bibliothecario de Vienna. Entretanto, a instancias da escola superior de Architectura resolvia-se o governo hespanhol a emprehender uma publicação monumental que dêsse a conhecer a immensa riqueza artistica que Hespanha possuísse, e em 3 de junho de 1856 instituia uma junta *ad hoc* e nomeava membro d'ella a Amador de los Rios.

Os *Monumentos Architectonicos de España* despertaram vivamente a attenção do mundo artistico nas exposições universaes celebradas desde aquella data, e o nome de Amador de los Rios figurou em mui importantes monographias, que vinham confirmar não haver elle abandonado seus estudos archeologicos. No mesmo anno de 1856 escrevia em nome e por encargo da Universidade Central a *Noticia historica de la visita regia*, que D. Isabel tinha feito á mesma, inaugurando assim o curso academico, trabalho que mereceu geral applauso. Por este mesmo tempo era investido no cargo de censor dos theatros, logar que desempenhou por espaço de cinco annos. Nomeado em 1857 decano da faculdade de philosophia e letras da referida Universidade Central, foi designado, já em junho de 1858, pelo governo para visitar no estrangeiro as escolas de philosophia e letras, a fim de introduzir nas hespanholas os progressos convenientes; e em seu proposito de colligir materiaes para a grande obra que intentava, aproveitou aquella occasião para reconhecer os manuscritos hespanhoes das bibliothecas de Paris, recolhendo d'elles para cima de dez mil versos ineditos. Durante aquella viagem teve occasião de tratar pessoalmente os escriptores com quem se correspondia e outros, como Paulino de Saris, Dumeril, Damás-Hinard, Magnabal, etc., etc. De volta á Hespanha no fim d'aquelle anno, proseguia com firme empenho seus trabalhos sobre a litteratura patria, de cuja historia já tinha cinco volumes, quando a celebre descoberta das *Coronas vizigodas* de Guadamur veio despertar a attenção geral, interessando o governo e as côrtes. Em virtude de uma interpeção feita na camara dos deputados, ordenava o governo á real academia de Historia que enviasse um commissionado a Guadamur, para investigar os factos relativos a descobrimento tão notavel e que tão vivamente tinham despertado a curiosidade do mundo sabio; e a academia designou Amador de los Rios,

Pouco depois, andando já o anno de 1859, nomeava o governo uma commissão especial, instituida em Guadamur pelo ministro do fomento, marquez de Corvera, debaixo da presidencia do indicado academico. As excavações feitas no local apontado produziram o convencimento de que havia alli um templo catholico antes da invasão sarracena. Amador de los Rios, visto o resultado das excavações,

formou logo o proposito de illustrar aquelle novo descobrimento com uma obra *ad hoc*, e chamado n'esse entrementes ao seio da real academia das Tres Nobres Artes, de S. Fernando, por voto unanime de seus socios, apresentava-lhe em 1861 o livro de *El arte latino-byzantino en España y las Coronas Vizigodas de Guarrazar* que mereceu immediata publicação á custa da academia, e foi honrado com o primeiro logar na serie de suas *Memorias*.

Ao tomar posse do seu logar n'esta academia, tinha lido Amador de los Rios um *Discurso*, em que insistindo na exposição historico-archeologica da arte hespanhola, indicada em sua obra *Toledo Pintoresco*, havia demonstrado a existencia no solo iberico da arte e estylo *mudejar* em architectura, trabalho que illustrava grandemente a historia da civilisação hespanhola, e lançava muita luz nas espheras litterarias desde o seculo XII em diante. O livro *El arte latino-bizantino* produzia iguaes resultados relativamente á época visigotica; e o mais honroso ainda é que, havendo o erudito mr. Fernando de Lasteyrie sustentado em um folheto a singular theoria de que as *Coroas Vizigodas* eram fructo da arte germanica, este reformou totalmente sua opinião, manifestando-o em uma significativa carta dirigida ao proprio Amador de los Rios. Nem era menor o exito de ambos os trabalhos entre os mais celebres archeologos. O *Discurso sobre a arte e estylo mudejar* foi trasladado ao francez pelos redactores da *Revista archeologica* de Paris; a *Arte latino-bizantina* foi examinada e extractada pelo sabio Camillo Guerra, presidente da academia archeologica de Napoles, que recebia como axiomas scientificos as affirmações do autor (*Esame dell'opera intitolata «El Arte latino-byzantino en Espana y las Coronas Vizigodas de Guarrazar», per C. Guerra, Napoli. 1862*).

Coincidia com a publicação da *Arte latino-bizantina* a do primeiro tomo da *Historia de la litteratura española*, dado á luz em 1861, apparecendo nos seguintes annos até 1865 outros seis volumes.

Comprehendem os dous primeiros tomos a historia da litteratura iberica, sob a fórma latina; abrangem os cinco restantes a historia da litteratura peninsular, debaixo da fórma dos respectivos romances, sem esquecer o catalão e o portuguez durante a edade média. O acolhimento que tanto na imprensa hespanhola e franceza, como na ingleza e allemã obteve aquella obra pareceu corresponder ás profundas e largas vigalias que a *Historia critica* tinha custado a Amador de los Rios em vinte e oito annos de infatigaveis investigações, levadas a cabo nas bibliothecas estrangeiras e nacionaes, entre as quaes figurou em primeiro logar a escurialense, visitada por onze verões quasi consecutivos. O autor aspirava a demonstrar com toda a evidencia na citada obra a unidade do genio iberico em todas as edades da sua vida e através das grandes vicissitudes e transformações por que havia passado a civilisação da Peninsula; e este pensamento transcen-

dental, que lhe serve constantemente de pharol, communicava á sua obra extraordinario interesse, dando-lhe grande originalidade e novidade ao mesmo tempo.

Assim o confessava a critica, que reconhecia a immensa erudição enthesourada em obra de tal magnitude, mórmente Wolf, a quem a morte, infelizmente, veio surprehender na occasião, em que mais alto erguia o nome de Amador de los Rios. Fernando J. de Wolf levava mui adiantada no *Anuario da litteratura neo-latina e ingleza*, revista de Berlim, uma douta serie de estudos analyticos em que demonstrava que a *Historia critica da litteratura hespanhola*, sobre vingar o nome iberico da accusação que os doutos lhe faziam «pela falta da historia da litteratura patria, ajustada ás condições scientificas, revelava em seu autor um sabio, em que se irmanavam uma consciencia nacional vivissima e um conhecimento não menos vasto e fundamental da litteratura e da historica iberica.» Os desejos do eminente Lista estavam cumpridos: Amador de los Rios ao chegar aos quarenta e sete annos tinha desempenhado a palavra que deu a seu mestre aos dezenove nas cadeiras do Atheneu de Madrid.

Um compromisso, a que não pôde furtar-se, e mui analogo ao que havia contrahido em 1840 relativamente á *Histoire de la litterature du Midi* de mr. Sismonde de Sismondi, o movia a lançar sobre seus hombros outra empresa historica de não exiguo vulto. Tal foi a *Historia de la Villa y Corte de Madrid*, obra ricamente impressa e illustrada, que viu a luz publica, de 1860 a 1864.

Amador de los Rios, sobrecarregado com os trabalhos da publicação da *Historia critica* a que vieram acrescer as inevitaveis occupações do cargo de deputado ás côrtes, para que foi eleito pela cidade e districto de Almeria em 1863, viu-se forçado a associar aos trabalhos da *Historia de Madrid* primeiro a Juan de Dios de la Rada y Delgado, depois a D. Cayetano Rossel, aquelle correspondente, este socio de numero da real academia da Historia.

Vago por este tempo o vice-reitorado da Universidade Central, foi Amador de los Rios preencher aquella vaga por decreto de 29 de outubro de 1867, obtendo as honras supremas da administração por outro de 8 de maio de 1868.

(Contiuúa).

J. SIMÕES DIAS.

## ANGELICA

Eu nunca penso no teu rosto, Angelica,  
sem me lembrar d'um jasmineiro em flôr:  
tens d'elle tudo: — a côma nivea, canticos,  
aromas, sonhos, impulsões d'amor.

Dão-te á porfia madrigaes idyllicos,  
protestos, queixas, indistinctos ais,  
aves — poetas das balseiras flóridas,  
poetas — aves dos jardins ideaes.

Falas? gorgeia um rouxinol suavissimo!  
Ris? desabrocha ao jasmineiro a flôr!  
Choras? do orvalho as matutinas perolas,  
vestem de luz o immaculado alvor.

Quando perdido n'este mar sem térmios  
te avisto ao longe, reparando em mim:  
— Se acaso, penso, ao meu extremo anhelito  
me déesses sombra, ó divinal jasmim!...

Se recostado sobre o musgo flaccido  
a vêr distante o largo mar e o céo  
morresse envolto em tuas folhas múrmuras!...  
Causára invejas o que alli morreu!

Tu és o arbusto dos canteiros mysticos,  
eu, o Ashavero que procura em vão.  
Que vá? que passe?... Ainda e sempre!... enganaste,  
eu já não posso caminhar mais, não!

Cancei! prendi-me embellezado e exanime;  
deixa-me agora descansar aqui!  
Que eu viva e morra n'este immenso jubilo  
a vêr-te, a ouvir-te, a delirar por ti!

Ha no Oriente a mancenilha morbida,  
branda, florente e de mil crimes ré;  
não é da sombra, é dos arômas lúbricos  
que vem a morte ao que lhe dorme ao pé.

Morrer é bom se nos momentos ultimos  
da grande luz, de apaixonada flôr  
se goza em cheio! e se n'uns olhos humidos  
floreja um pranto de saudoso amor!

Deixa que eu morra á tua sombra, e abraça-me!  
Peno sem ais! morro sorrindo! — vê!  
É tão suave o teu aroma célico!  
Tão basta e branda essa folhagem é!

Nas horas tristes quando a noite gélida  
me arrefecer, não chores, não! sorri!  
Feliz, feliz o que no extremo anhelito  
pensar em Deus, no paraiso, em ti!

THOMAZ RIBEIRO.

## NÓ CEGO

(A JOÃO PENHA)

Estava pensando agora  
Que bella hei-de eu requestar;  
Ou menina, ou já senhora,  
Topam-se a toda a hora,  
Que não são de desprezar.

Uma que eu vi á janella  
Tem graças de enfeitiçar;  
Confesso... morro por ella!  
Porém, sendo assim tão bella,  
Não ama... quer-se casar.

De celestes bens telonio,  
Benções *et cætera* do lar,  
Respeite-se o matrimonio,  
Mas... para longe o demonio  
Que as tece mesmo no ar!

A viuva, ainda galante,  
Sensível, deixa-se amar:  
Mas não tem o dom tocante  
Da *joven principiante*  
Do *Dom João* de Mozart.

Inextricavel materia.  
Ó Arte, vou-te adorar!  
Mas a deusa grave e séria  
Nos jardins da antiga Hesperia  
Manda-me á lua cantar!

ALBERTO TELLES.

---

## A GALLINHA DA VISINHA

---

— Que estás a olhar para mim? — continuou o padre. — De que te admiras? O que disse é o que tu pensas... tirei ás tuas palavras as possiveis illações.

— Eu não disse tanto.

— Disse-o eu por ti; é a mesma cousa. E para te mostrar que assim era, vou agora falar por mim. As razões que vou apresentar-te, são minhas, refuta-as se poderes; aceita-as, se te convencerem. Acho louvavel que desejes trabalhar, porque o trabalho robustece o corpo e rejuvenesce o espirito. Se fosses só no mundo, poderias ir para onde te aprouvesse, porque não tinhas a quem dar satisfações. Assim, não. Tens familia; pae e mãe com os pés para a sepultura, uma irmã na primavera da vida. Uns necessitam de mão amiga que lhes cerre os olhos para o derradeiro somno; a outra, de quem lh'os abra

á luz enganadora do mundo. Filho és, pae serás. Se hoje abandonas os teus, como poderás queixar-te de que a seu tempo venha quem te faça outro tanto? E, depois, que vaes tu procurar a essas terras longiquas? A riqueza, dirás tu. A riqueza póde ser muito ou quasi nada. Muito ouro póde muitas vezes não significar mais que muita pobreza. O ponto está em cada um saber soffrear os seus appetites. Vês tu? Eu não possuo metade dos teus bens, e no entanto julgo-me rico e muito rico, porque a riqueza que mais ambiciono é a tranquillidade do espirito. Demos, porém, de barato que a riqueza seja a accumulacão d'ouro sobre ouro. Quem te diz a ti que o encontrarás lá onde o vaes procurar? Ai! Miguel! Alli é como no reino do céu: muitos são os chamados e poucos os escolhidos. Vês partir todos os annos muita gente para o Brazil. São milhares de mancebos fortes como tu, como tu na flôr da idade, e como tu ainda cheios d'esperanças e confiança no seu destino. Quantos voltam? Na ida contam-se por milhares, na volta poucas vezes passam de unidades. Um por mil; é uma loteria arriscada! Quem te diz que no sorteio serás tu que não tires a sorte em branco? Cada um d'esses homens, que vêm edificar um palacio onde seus paes tinham uma choupana, podia fazer-lhe os alicerces com os ossos dos companheiros que se finaram na miseria e no abandono. Esses poucos que voltam, quer-me parecer que é o demonio que os envia, para que a sua opulencia tente os que a presenciam. É a suberba a chamar a sua irmã inveja. Graças a Deus! Em toda a parte ha trabalho para quem o procura, e ha abundancia para quem trabalha. Dize-me cá: é por ventura tão ingrata a tua terra, que não corresponda com fructos em proporção do trabalho dispensado? De certo que não. Que melhor occupação acharás tu que não seja a de zelar o amanho d'esta casa? Teu pae... fia-te na Virgem e não corras, verás o trambulhão que apanhas! Que mais querem que faça o pobre velho?... Anda por ahi tudo ao Deus dará, como sabes melhor do que eu. Os criados é que põem e dispõem, sem haver quem lhes vá á mão; e olha que no aproveitar é que vae o ganho!... Porque não tomas a peito a administração da tua casa? Se o cavallo engorda com a vista do dono, a adegã e o celleiro não lhe ficam atraz... E queres que te fale com a verdade, que se leva aos pés do confessor?... Se não andasses por ahi de costa direita, e seguisses o exemplo de teu pae, que trabalhou em quanto lhe não faltaram as forças, ganharias amor aos teus campos, á vida tranquillã da aldêa e ao conchego do teu lar. Mas tu, que nada creaste com o teu suor, e nada melhoraste com o teu trabalho, deixas-te morder pelo bicho da inveja e pões-te a scismar no que não te pertence, como o outro que diz — a gallinha da visinha é mais gorda do que a minha. Cuida no que é teu, e perderás o desapêgo que lhe tens.

A doçura da expressão, antes que o sentido d'estas palavras infil-



trava-se no coração de Miguel, que já não sentia força para lutar contra a vontade de toda a familia. O padre Antonio sabia que agua molle em pedra dura, tanto dá até que a fura. Foi, pois, apertando zás trás nó cego a indecisão do rapaz, a ponto de o levar a prometter que d'ahi para o diante lhe importaria tanto o Brazil como a primeira camisa que vestira.

E dizem que se morre d'alegria! Qual historia! Morre quem tem de morrer. Se assim não fôsse, que não teria acontecido n'aquella hora no casal da Remolha! Onofre e sua mulher, pelo menos, alli ficariam para todo o sempre, quando n'um impeto, que era ao mesmo tempo phrenesi e loucura, apertaram contra o seio o filho, que julgavam quasi perdido.

O padre Antonio, conseguido o seu fim, ia a esgueirar-se sorrateiramente, quando Marianna, prevenida por uma piscadella d'olhos de seu pae, cortou a retirada ao padrinho, fechando a porta sem mais tir-te nem guar-te. Em vista de tão peremptorio argumento, força foi que cedesse a modestia do padre, que pela primeira vez, desde que parochiava, faltou ao patriarchal habito de se recolher com as gallinhas.

Para mais ainda o reservava o reconhecimento do seu velho amigo; e era nem mais nem menos do que aceitar um talher á sua mês-a. O padre escusava-se, mas como isto de comer e coçar o mau é principiar, provado o primeiro bocado, fez com certa galhardia pouco apostolica as devidas honras á cêa, que se prolongou pela noite adiante.

Quando os convivas se levantaram da mês-a, parecia que a graça de Deus baixára sobre elles. Salvo as demasias, de que reza a historia, os dous amigos reproduziram em animado quadro as santas alegrias de Noé. E, descendo das sublimidades biblicas, o certo é que todos alli falavam pelos cotovêlos e riam a estalar pelas ilhargas.

Para que mais uma vez se realisasse o adagio — comida feita companhia desfeita —, o padre Antonio lançou agua na fervura d'aquelle entusiasmo, puxando do velho *cebolão* de prata e declarando que eram horas de se ir embora. A tia Michaela em vão protestou; o padre foi inflexivel. Tomou o chapéo e a bengala, e arremetteu contra a porta com mais denôdo do que S. Thiago contra os mouros.

— Então, compadre! — oppunha triumphalmente Onofre — ha-de ficar ahi essa cortezia de Leiria? — e apontava para a ultima garrafa em que se descobriam ainda algumas gottas do liquido que a enchêra.

— Pois beba-a, se quizer. Eu cá tenho a minha conta.

— Então é palavra de rei? Não volta atraz?

— Nada, nada. Tenha paciencia. Adeus, e obrigado por tudo.

— Nós é que temos que agradecer...

— Sim, sim, temos falado. Muito boas noites.

A modestia do parochio tinha, porém, de lutar contra um novo obstaculo. Onofre, confiando mais no enthusiasmo que no rheumatismo, decidia-se a acompanhar o padre até á residencia. Apesar d'um luar magnifico mandou accender o lampeão, que lhes devia esclarecer o caminho.

Então é que foram ellas. O vigario teimava que não; Onofre teimava que sim, visto que não ha teima sem dous teimosos. Foi preciso que as mulheres se mettessem de permeio na contenda. Graças á sua intervenção, fizeram-se algumas concessões d'ambas as partes, do que resultou ceder Onofre da lanterna, e o padre de ir sem companhia. E como a polemica não terminasse, foi ainda preciso um novo pacto, em virtude do qual accedeu Onofre a ficar em casa e o padre a ser acompanhado por Miguel.

Tomou, pois, Miguel o seu logar á esquerda do padre, e pozeiram-se a caminho.

O ar frio da noite, que fizera com que o vigario se acautelasse, tapando a bocca com o seu lenço vermelho, não deu margem para longa conversa. Trocadas apenas algumas palavras, eil-os chegados á porta do passal, onde a ama do padre, por mal acostumada, o veio esperar de candeia na mão e resmungando uma ladainha, que por certo não era a de todos os santos.

Dadas as boas noites, o vigario ainda uma vez lhe recommendou que tivesse juizo.

— Bem o préga fr. Thomaz — disse a ama por entre os dentes — fazei o que elle diz e não o que elle faz. Andar lá por fóra até que horas da noite...

E sem mais cortezia fechou a porta.

Miguel voltou pelo seu caminho. Já proximo de casa viu uns poucos de homens passar junto d'elle. Um dos do grupo, adeantou-se para elle dizendo:

— Então sempre vens?

— És tu, Gaspar?... De viagem!

— Vamos para o Brazil. Está a partir um navio, e por isso vamos'-nos chegando. Queres vir com a rapaziada?

Miguel teve medo de si. Deitou a correr e só parou quando se viu de portas a dentro.

O que lhe tinha falado voltou-se para os companheiros e acrescentou:

— Forte animo de rapaz! Não se lembra de que quem quer bolota, trepa.

Os companheiros acolheram o dicto com uma risada, e seguiram seu destino.

## II

Miguel tinha cumprido sua palavra. Nunca mais falára em querer ir para o Brazil. Quem, porém, lhe attentasse no parecer, conheceria que lá no interior havia alguma cousa que lhe dava serios cuidados.

A sua gente, satisfeita por vê-lo entregue aos trabalhos da lavoura, não reparava em mais nada. Só a tia Custodia com a alma de mãe, que Deus lhe dera, adivinhára que havia o quer que fosse, que obrigava seu filho a andar, como quem diz, pasmado de tudo. A crenadeira velha perguntava a si mesmo, se aquillo não seria algum feitiço, ou mau olhado que houvessem deitado ao rapaz. Chegou até a pensar na solitaria. A solicitude materna hesitava, porém, entre as rezas do exorcista e as mésinhas do curandeiro.

Outra pessoa reparára na tristeza de Miguel. Era o padre Antonio. Um dia em que Onofre se entregára ao trabalho de fazer castellos no ar ácerca do futuro de seus filhos, Custodia relanceou os olhos sobre o padre e conheceu na expressão do seu rosto, que lastimava a obcecação do espirito do bom velho.

Pouco depois Custodia teve occasião de dizer ao padre :

— Tambem sabe que meu filho padece...

E como o padre quizesse recorrer a uma piedosa fraude para a tranquillisar, acrescentou :

— Bem vê que os olhos de mãe não se enganam. Que se ha-de fazer? Diga-m'ó antes que desconfiem do que estamos a falar.

— Confiar na Providencia divina e esperar que o tempo cure o que ninguem póde curar.

A velha desatou a chorar.

— Prudencia! — continuou o padre — deixe-os viver na ignorancia em quanto Deus lhes permite essa felicidade.

— Se lhe encommendasse uma reza?...

— Encommende-o a Deus, que é melhor. A doença de seu filho está na alma. Supponha vossemecê que trazia uma vibora no seio. Se um dia conhecesse o perigo em que andava, podia matal-a, e livrava-se d'ella; mas não se livrava das mordeduras que tivesse soffrido. A vibora de Miguel chama-se ambição. Matei-lh'a, mas não pude destruir o effeito do veneno com que já estava empeçonhado. Cale-se, assim como eu me calei; e rogue a Deus que a poupe a mais trabalhos.

Ora eis-ahi como o diabo as tece :

Um dia conduzia Miguel uma boa carrada de matto, e, como atravessasse um ribeiro, os bois dispozeram-se a beber. Miguel fez-lhes a

vontade, e, sentindo tambem sêde, preferiu ir beber um copo de vinho na taberna proxima a fazer sucia aos animaes.

O dono da taberna era o snr. Barnabé Antunes, de quem o soa-lheiro rezava o seguinte :

Barnabé Antunes apparecêra no logar haveria cousa de dous annos. Comprára casa n'um dos extremos do povoado, e abriu taberna na loja, e estalagem no sobrado. Causou estranheza um estabelecimento d'este lote n'uma terra, onde só affluíam forasteiros em dias de mercado, findo o qual, se retiravam todos para suas casas nas aldêas circumvisinhas. Os que presumiam conhecer os recursos da terra, agouravam que o estalajadeiro não viria a padecer males de indigestão.

Mau grado prophetas e prophecias a cousa prosperou. As chronicas do soalheiro registraram com espanto que na estalagem pernoitavam de tempos a tempos grande tropel de passageiros, que ninguem sabia d'onde vinham nem para onde iam. Uns aventaram que seriam quadrilheiros em busca de refractarios; outros, malsins que andavam na pista de contrabando; alguns até opinavam que seriam ladrões que vinham combinar alguma sortida de vulto. Mas a scena reproduzia-se, e, pelo andar do tempo, a affluencia dos passageiros tornou-se periodica.

Pela sua parte alguns rapazes da terra, tambem se metteram de gorra com o Antunes, e depois já ninguem os ouvia falar senão em dinheirame *ruço*. Depois parecia que levavam cresta.

O João Manteigas, dono d'uma tenda que soffrera com a concorrência do Barnabé, não perdia occasião de lhe dar a sua torquezada rija. Ora, não sei como, deu-lhe o faro de que a vinda dos forasteiros antecederia sempre dous a tres dias a sahida d'algun navio para os portos da America. Não cahiu a nota em cesto roto. Ia-se todos os dias á botica buscar a gazeta, de que o boticario era assignante em companhia de mais tres amigos, e procurava nos annuncios a participação dos barcos prestes a partir para o novo mundo. Confrontava a data da sahida do barco e a da vinda dos hospedes para a estalagem. Dava-se sempre a mesma coincidência. João Manteigas pôde, pois, com provas na mão affirmar aos seus freguezes que Barnabé Antunes era *engajador* ou agente *d'engajadores*.

A noticia correu mundo.

Mais: assegurava-se que o estalajadeiro Antunes fazia parte d'uma companhia espalhada por todo o reino com o fim de promover e facilitar a emigração para a America, especulação de que se auferia boas luvas.

Barnabé não se cançou a desmentir o boato. Ria-se da inveja que causava, e que apesar de tudo não obstava a que medrasse em prosperidades a olhos vistos. Quando alguem lhe falava n'isto, encolhia os hombros com indifferença e respondia :

— Homem! cá a minha é que mais vale mal de inveja do que bem de piedade. Se se fôsse a dar ouvidos aos que não tem palha nem aresta, ninguém tinha uma camisa lavada.

Barnabé vendo Miguel na sua taberna, chamou-o para junto de si, n'um logar retirado do balcão.

— Ó sôr Miguel, uma palavra em cortezia.

— Diga lá, e não se demore. Tenho os bois carregados...

— Isso é mau. É negocio de grande monta.

— Se quizer, fica para outra vez...

— Olhe que o interesse é mais seu do que meu!

— Essa agora! Estou pouco acostumado a andarem as conveniências á minha procura!... Em fim diga lá.

— Disseram-me que vossemecê tinha idéas de embarcar para o Brazil...

— E que lhe importa, sôr Antunes, a minha vida?

— Desculpe, se o offendi; mas parece-me que quem pergunta é porque quer saber.

— O ponto é encontrar quem esteja para satisfazer a curiosidades.

— Vejo que me não entende. Eu não sou de mexericos. Já estive no Brazil, posso dar-lhe informações... olhe, talvez se arrependa em não me falar com franqueza.

— Bem. Faça de conta que pensei n'isso... e depois?

— Depois... se quizer aproveitar-se dos meus serviços...

— Fico-lhe muito agradecido. Tiraram-me as têas de aranha da cabeça...

— Ainda que mal pergunte, póde saber-se o que chama têas de aranha?

— Certas cousas que eu pensava, e que a final de contas são outras...

— Se não é segredo, quem foi o que informou?

— Foi o nosso vigario.

— Logo vi. Metteram-se os sapateiros a tocar rebecão!...

— Isso agora mais de vagar. Tomára vossemecê um tudo-nada do seu saber...

— Valha-o Deus. Cada um no seu officio, porque de resto mais sabe o ignorante do seu do que o sabio do alheio... Lá no breviario, dou-lhe eu as mãos á palmatoria; agora n'isto de ter corrido terras... sou um seu creado!

— Não é tanto assim. É nosso amigo, e se não soubesse o que dizia, não se mettia a dar conselhos á gente...

— Não digo que não. É muito boa pessoa... lá isso é. Mas nem todos são para tudo... Ora diga-me se elle póde saber do Brazil mais do que eu? Elle viu-o... por um oculo, eu vivi lá um bom par

d'annos... por signal que se não voltei de lá pôdre de rico foi por causa de ser muito rapaz e andar aos pontapés á fortuna; ainda assim... vamos e venhamos...

— E então no Brazil ganha-se assim dinheiro?

— Faz lá idéa! Alli nem a gente sabe o que ha-de fazer ao que ganha. Dão-se d'esmola dez, vinte, trinta, — que digo eu? — cem mil reis com a mesma semceremonia com que aqui se dão cinco reis! Aquillo só visto.

— Mas ha lá muitas doenças?

— Para lhe falar a verdade, dizer que não, era mentir. Mas que doenças são? Umas febresitas. Está-se uns dias de cama, quando muito, e acabou-se. Cá faz-se muita bulha com isto... mas não se fie. São contos da carochinha. Eu bem sei porque se faz d'isso um cavallo de batalha! O medo guarda a vinha. Se não fosse o medo, todos iam para o Brazil, e como isso incommodava os que lá estão, que querem tudo para elles... aqui d'el-rei que ninguem pôde viver lá.

— Mas as gazetas dizem...

— Ora amigo, o papel consente tudo que lhe escrevam. Põem lá na folha esses espantalhos para afugentar da eira os passaros d'arribação! Quantos dados na folha por mortos, vi eu lá passeiarem são e rijos como pêros?

— Que é o que vossemecê diz?

— Digo que tanto se mente em letra redonda como em letra de mão. O caso é querer mentir.

— Se eu soubesse isso antes... se tivesse a certeza de que não me havia de arrepender... — disse Miguel como se falasse comsigo mesmo.

— Vossemecê parece que ainda está por conquistar. Pergunte lá ao Machado, que anda a fazer aquelle palacio á ribeira da Azenha; pergunte ao barão das Milharadas, que traz por ahi mais contos de reis a juro do que dias tem o anno; pergunte a todos esses brasileiros de torna viagem que por ahi andam, se se arrependeram de ter ido ao Brazil?!

— Tivesse-o eu encontrado antes... talvez não tivesse prometido...

— Deixe-se de criancices. Quem promete sem saber o quê, é como se não promettesse. Pense n'isto... e talvez possamos fazer algum negocio.

— Valeu! Eu vou pôr os bois em casa, e se tiver occasião volto.

— Como quizer. Isto não é tambem sangria desatada; venha quando quizer.

Miguel foi buscar o carro, e seguiu o seu caminho; ou antes fo-

ram os bois que o seguiram. A cabeça do rapaz já não dava atenção a cousa de tão pouca monta. Os seus pensamentos iam todos pelo mar fóra em busca do Brazil.

Desde aquelle dia em deante, Miguel já não tinha paragem senão ao pé do Antunes. Ao rapaz parecia ter-lhe nascido uma alma nova; e, se alguma cousa havia que lhe aguisse tanto contentamento, era a lembrança de que a sua partida não corria a par dos seus desejos.

Chegou a occasião em que Barnabé lhe disse:

— Lembra-se vossemecê de eu haver promettido propôr-lhe um bom negocio? Ora estamos na maré do carvoeiro. É natural que se acobarde de dizer a seu pae que dá o dicto por não dicto a respeito do que nós sabemos.

— Custar, custa; mas em fim pelo falar é que a gente se entende: e como não ha outro remedio...

— Deixe estar. É possível que tudo se arranje...

— Isso era uma mina!

— Os amigos são para as occasiões. Aqui estou eu que sympathisei devéras com vossemecê, e que tenho tanta confiança em que ha-de ser feliz lá n'essas terras, que não punha duvida em lhe adiantar o dinheiro para a viagem com a simples promessa de me embolsar pelos seus lucros futuros, se...

— Isso é que era um favor! E olhe que lh'ó saberia reconhecer...

— Não ferva em pouca agua! Vossê não me deixou acabar. Emprestava-lhe até a camisa do corpo... mas agora é que estou sem vin-tem... tudo por ahi puz a girar.

— Paciencia! Quem póde ajudar, não quer; quem quer, não póde. É sempre assim...

— Tambem vossê vai logo ás do cabo. Não vale esmorecer. Até ao lavar dos cestos é vindima. Ha-de ter ouvido dizer que uma mão lava a outra, e ambas a cara. Pois estamos n'esse caso. Se eu não posso ajudal-o por mim, tenho amigos... Um para me obsequiar não duvidará emprestar-lhe a somma de que vossemecê necessita com uma simples modificação...

— Qual?

— Eu que o conheço, contentava-me com a sua palavra. Agora o meu amigo é seguro... ha-de querer o preto no branco. Bem vê que como ha viver e morrer...

— Mas o sôr Barnabé não póde ficar por meu fiador?

— Pois que dúvida? Ouro em pó que fosse, confiava de vossemecê. O que eu duvido é que me aceite por fiador. Exquisitices! Diz elle que, se quem lhe deve não pagar, não quer perder o fiador que é seu amigo. Entende?

— Nem por isso! Amigos, amigos, negocios á parte...

— Que quer que lhe faça? Elle tem este modo de pensar.

— Visto isso, posso tirar d'ahi o sentido?

— Tenha paciencia. Ouça até ao fim. Supponha vossemecê que o tal meu amigo lhe pedia, por exemplo, que trabalhasse para elle um certo espaço de tempo... cousa pouca, o necessario para elle se reembolsar do preço do transporte e da sua sustentação. Parece-me que era um bom negocio!...

— Não ha duvida! — respondeu Miguel, fascinado pela idéa de não pagar em dinheiro.

— Tambem assim o julgo; e foi por isso que lh'o lembrei.

— Cá pela minha parte accito. Se lhe parece, vamos falar ao seu amigo.

— Isso não é cousa que se faça do pé para a mão. O meu amigo está no Brazil. Mas é a mesma cousa; dá por tudo quanto eu faça em seu nome. Venha d'ahi commigo e arranja-se tudo n'um prompto.

Parece que o anjo da guarda de Miguel n'aquella hora fez um supremo esforço para salvá-lo do abysmo, em que ia despenhar-se, porque o mancebo ficou irresoluto, e mais como meio de ganhar tempo do que por outro motivo, deixou escapar o monosyllabo:

— Já?

— Pois então? — respondeu Barnabé. O que tem de ser, seja. Vossê acompanha-me, assigna o contracto, e logo que haja barco marcha para o Brazil.

— Custa-me enganar assim minha familia...

— Faça-se maricas, se lhe parece. Olhem que grande pena! Sua familia em o não vendo, ha-de acostumar-se a passar sem a sua pessoa. E, demais, assim evita choros, ralhos e questões, o que é sempre desagradavel. Depois em vossê escrevendo do Brazil e em lhe mandando de lá chelpa, esquece tudo.

O bom anjo de Miguel pôde menos que o demonio da ambição. O rapaz seguiu Antunes como a ovelha segue o carneiro.

Passados momentos, n'um dos quartos da estalagem, Miguel assignava um contracto que era a renuncia da mais nobre dadiua com que Deus dotou o homem — a liberdade.

Assignado o papel, que Barnabé guardou cuidadosamente na gaveta d'um armario, disse este ao mancebo:

— Agora esteja preparado para se fazer d'ala á primeira voz.

Alguns dias depois d'esta scena, Miguel, previamente avisado, escapava-se da casa paterna, e ia reunir-se na estalagem de Barnabé a um grupo de homens, quasi todos na flôr da idade, que eram outros tantos *engajados*, e que um sordido interesse roubava á familia, á patria e á liberdade, e talvez á vida.

Conta-se d'eras fabulosas o apparecimento de monstros insaciaveis de carne humana, que, para não assolarem todos os povos circum-



visinhos, exigiam o sacrificio voluntario de uma porção da sua mocidade. A fabula faz lembrar o sacrificio da metropole á sua antiga colonia.

E viva a philantropia portugueza, que protege a liberdade dos negros d'Africa, e tolera a escravidão dos brancos da Europa!

(Continúa).

AUGUSTO SARMENTO.

## Mysterio insondavel

### I

Eu tenho em casa um retabulo  
N'um tenebroso salão,  
Que, por preço baratissimo,  
Arrematei n'um leilão  
D'um fidalgo, que a miseria  
Tractára como um villão.

Tem a moldura dourada  
De metro e meio d'altura  
Por um metro de largura;  
E, na tela conservada,  
Apesar da ferrea mão  
Do tempo, que é mão damnada,  
Ha um nitido retrato  
D'uma elegante figura  
D'um solarengo varão.

Não tem por baixo algum nome,  
Como é d'estylo e costume,  
E ninguem sabe quem é;  
Mas um ignoto perfume,  
E os feitios da roupagem  
Do gentil-homem de pé,  
Revelam no personagem  
Um typo d'alta linhagem,  
Do tempo de D. José.

## II

Envolve-lhe a cabeça a cabelleira  
Dos tempos que lá vão; toda empoada,  
Em caracoos, com trança em baixo atada  
Com laço posto de gentil maneira.

A face é rubicunda e prazenteira,  
O olhar d'uma expressão afidalgada,  
A camisa de bofes, rendilhada  
Pelos dedos subtís de ignota freira.

Amplu collete com jasmíns bordados;  
Casaca d'abas largas, donairosas;  
Os calções de velludo, afiambrados.

Finas meias de sêda esplendorosas;  
Sapatos de verniz, afivelados:  
Um todo, emfim, d'uma postura airosa...

Faltou dizer ainda  
Que um rôlo de papeis,  
N'uma das mãos aperta  
Que tem uns tres anneis.

E n'outra uma bengala,  
Ou antes um bastão,  
De verdadeira cana  
Do indico sertão.

## III

Entrei ha dias ao salão sombrio,  
Não sei para que fim; era de noite.  
Vibrava pelas frestas o assobio  
Do vento que não tem onde se acoite.

Levava por pharol um lampadario,  
Com luz que vacillava a cado passo,  
Como a luz que n'um ermo sanctuario  
Em torno a si derrama um clarão baço.

Ranqueu na dobradiça enferrujada  
A porta do salão; e quando entrei  
Ouvi lá dentro certa voz magoada,  
Ignotos ais que traduzir não sei.

Os effeitos suppunha d'algum rato  
Que, presentindo-me, fugisse então,  
Quando vi, do retabulo o retrato  
Agitar-se no muro do salão!

Era engano, de certo; o lampadario,  
Com luz diversa produzia aquillo!  
Phantasmas n'um salão tão solitario  
Só nos romances do passado estylo!

Entre; e posta a luz sobre uma mêsa,  
O animo assumia d'um Manfredo,  
Quando de novo ouvi com mais surpresa  
Os mesmos sons magoados! Tive medo!

O reflexo da luz era sombrio  
Como o da lua em tormentosa noite!  
Vibrava pelas frestas o assobio,  
Do vento que não tem onde se acoite!

«Oh! que não sei de nojo como o conte!»  
Enchi-me de valor: voltei-me, emfim,  
E vi de face a face, erguida a fronte,  
O vulto do retrato ao pé de mim!

Fiquei petrificado, eu, que não cria,  
Em visões, em phantasmas, em mysterios!  
Que nem quando criança attento ouvia  
As historias dos velhos cemiterios!

Quiz fugir e não pude; achei-me fraco!  
Elle, atirando os rôlos dos papeis,  
Agarrou-me na gola do casaco  
Com a sinistra mão dos tres anneis!

## IV

E com accento dorido  
O vulto falou-me assim:

« Não tenhas medo de mim...  
 Sou um pobre desvalido.  
 Como vês fui da nobreza  
 Do tempo de D. José!  
 Eu tive um unico vicio,  
 E juro, por minha fé,  
 Que ha muito que já não sinto  
 Um prazer, um leve indicio  
 Das delicias do rapé!...  
 Pouco peço, quasi nada:  
 Apenas uma pitada,  
 Uma só, bem pouco é!  
 Aqui n'esta soledade,  
 Onde passo um tempo insôso,  
 Venha, ao menos, por piedade,  
 A benção da caridade,  
 O prazer do meio-grosso! »

Disse, curvando um joelho  
 Em posição supplicante;  
 Mas, quando senti o velho,  
 Abrindo da mão possante,  
 Largar-me a gola ao casaco;  
 Dei-lhe um violento encontrão,  
 E, fugindo espavorido,  
 Do merencorio salão,  
 Deixei no soalho estendido  
 O solarengo avejão.

## V

Eu nunca mais quiz vêr o personagem,  
 E quiz abandonar a casa até;  
 Pois muitas vezes ouço uma linguagem  
 Clamando triste: — Quem me dá rapé!

Affirma a vizinhança que alta noite  
 Vagueia por alli alma penada...  
 E' vento que não tem onde se acoite,  
 E suspira na sala abandonada!

## OUVINDO MUSICA...\*

Astros cadentes do meu céu de estio,  
nuvens erguidas de lethal paúl,  
fremitos da alma em virginal cicío...  
perdei-vos, notas, na amplidão azul!

Musica, essencia de ignoradas flôres,  
sylpho subtil que ninguem póde olhar,  
ouço-te ás vezes suspirando amores,  
outras te sinto de prazer arfar.

Escuto Verdi, e ao alto creio erguer-me;  
Bellini escuto, e eis-me scismando a sós!  
Onde te escondes do terreno verme,  
genio que inspiras a terrena voz?

O genio existe! ha uma força ignota  
vibrando as cordas que nossa alma tem!  
no tenue arpejo e na sublime nota  
mysterios ha que nunca viu ninguem!

Mas eu, oh genio, leio os teus segredos  
no livro occulto onde pousaste a mão;  
e páro absorto a contemplar uns dedos  
que sobre as teclas adejando vão!

C. DE FIGUEIREDO.

## A SINCERIDADE DE BOILEAU

O erudito e indigesto D. Francisco Xavier de Menezes, 4.º conde da Ericeira, traduziu em versos opilados e opiados a *Arte poetica* de Boileau. Depois, enviou o manuscrito da sua versão ao

celebrado poeta, com uma epistola em versos francezes. O autor do *Lutrin* agradeceu n'estes termos encarecidos :

« Posto que minhas obras hajam estrondeado no mundo, nem por isso me tenho em grande conta; e, se os louvores que me dão me desvanecem agradavelmente, com certeza me não cegam; confesso, porém, que a traducção que v. exc.<sup>a</sup> se dignou fazer da minha *Arte poetica*, e os elogios que me aderessou com ella, me influiram verdadeiro orgulho. Não posso considerar-me homem vulgar, vendo-me tão singularmente nobilitado. Quiz-me parecer que um traductor de vossa capacidade e jerarchia me era titulo de merito a distinguir-me entre os demais escriptores d'este seculo. Eu apenas conheço imperfeitissimamente o vosso idioma, do qual ainda não tive algum estudo particular; e todavia pude entender assás a vossa versão para a mim mesmo me admirar, e crêr que sou mais habil escriptor em portuguez que em francez. E, de feito, exprimidos por vós, os meus pensamentos opulentam-se. Mudaes em ouro tudo que tocaes. As proprias pedras — digamol-o assim — entre vossas mãos convertem-se em joias. Depois d'isto, como quereis que eu vos indique as passagens em que vos desviastes do senso original? Se, em vez das minhas idéas, tivesses, menos attentamente empregado as vossas, bem longe de reclamar as minhas, eu me aproveitaria do vosso descuido, e as adoptaria logo para me honrar com ellas. Mas não vejo lanço para tal prova. Na vossa traducção tudo é justo, exacto e fiel. E, dado que me exalceis com adornos, por aqui me entrevejo em tudo. Não digaes, pois, senhor, que receaes não me haver entendido; dizei-me antes como lograstes perceber-me tão a ponto, decifrando até na minha obra umas subtilezas que eu julgava só poderiam entendel-as pessoas nascidas em França e educadas na côrte de Luiz o Grande! Claramente descubro que não sois estrangeiro em paiz algum, e sois de todas as côrtes e nações, graças á profusão do vosso saber. A carta e os versos francezes com que me honrastes são optimo testemunho. Aqui, apenas encontro estrangeiro o vosso nome; e não ha em França homem de fino espirito que os não quizesse haver escripto. Mostrei-os a muitos dos nossos mais grados escriptores. Não achei um só que os não admirasse grandemente, e me não dissesse que se taes louvores recebesse, vos teria consagrado volumes de prosa e verso. Em que conta, pois, me tereis, se tão sómente vos respondo com uma carta de simples agradecimento? Accusar-me-heis de ingrato ou descortez? Nem uma nem outra cousa sou, senhor. Francamente vos direi que não faço verso ou prosa quando me praz. Apollo é para mim uma divindade caprichosa que me não dá, como a vós, audiencia a toda a hora. Faz-se mister esperar o ensejo favoravel. Quando elle vier, aproveitai-o-hei; e, mal de mim, se não morro desempenhado de parte do debito de vossos elogios! O que de antemão vos assevero é que na primeira edição das minhas obras

hei-de incluir a vossa traducção, e não perderei azo de fazer saber a toda a terra que desde a extrema do nosso continente e lá de tão longe como das columnas de Hercules, me vieram os applausos de que mais me orgulho, e a obra de que mais me honro. Sou, etc... »

O conde da Ericeira, envaidecido com a carta de Boileau Despréaux e mais ainda com a promessa de se vêr impresso nas obras do poeta de Luiz XIV, não publicou a sua versão da *Arte poetica*. A carta que o leitor viu era datada em 1697; e, quatro annos depois, em 1701, Boileau editava as suas obras, allegando em desculpa da não cumprida promessa o seguinte: «... Bem quizera eu desquitar-me da promessa que lhe fiz (ao conde da Ericeira) de imprimir a sua excellente versão em seguimento das minhas poesias; desgraçadamente, porém, um meu amigo a quem a emprestei desencaminhou o primeiro canto; e eu tive a viciosa vergonha de escrever para Lisboa pedindo segundo traslado.»

Este descaminho do canto I é um subterfugio, que nos inculca talvez falta de sinceridade, se não antes, a duvidosa probidade litteraria de Boileau. Este aleijão, vulgarissimo nos talentos superiores, vae o leitor apalpal-o na transcripção de outras cartas, uma das quaes Despréaux devera ter queimado, quando no fim da vida classificava os ineditos confirmativos da sua immortalidade.

Em 1701, escrevendo a Brossette, dizia: «...Haverá quatro annos que o conde da Ericeira me enviou a traducção portugueza da minha *Poetica* com uma carta obsequiosissima, e versos francezes em meu louvor. Eu sei bastantemente a lingua hespanhola; mas não entendo bem o portuguez, que é diversissimo do castelhano<sup>1</sup>; pelo que me louvo na opinião alheia avaliando-lhe a versão; mas individuos sabedores d'aquella lingua, aos quaes mostrei a obra, asseveram-me que é cousa maravilhosa. Afóra isto, o senhor da Ericeira é um dos mais qualificados fidalgos portuguezes, e é filho de uma senhora, segundo dizem, prodigiosamente illustrada. Mostraram-me cartas d'ella em francez, onde não ha phrase que denote estrangeirismo<sup>2</sup>. O que mais me agrada tanto do filho como da mãe é que os acho despídos dos preconceitos e falsos brilhos de seu paiz, e me não parecem ter

<sup>1</sup> Vê-se que não sabia alguma das linguas.

<sup>2</sup> Esta senhora, D. Joanna Josepha de Menezes, escreveu o *Panegyrico da duqueza de Saboya*, Maria Joanna Baptista (1680); traduziu *Reflexões sobre a misericordia de Deus*, etc., da duqueza de Valiere (1694), e escreveu em castelhano um poema intitulado *Despertador del alma al sueño de la vida*, etc., que corre impresso desde 1695 com o nome do creado da traductora, Apolinario de Almada. As obras uteis ou preciosas d'esta senhora, se as houve, perderam-se no terremoto de 1755.

a cabeça muito esquentada pelo sol da sua terra. Dir-vos-hei alguma cousa mais a tal respeito nas minhas cartas quando publicar a minha edição pequena, e talvez vos envie os versos francezes que elle me remetteu.»

Esta carta é de julho, e os periodos que vão lêr-se são de outra carta de outubro do mesmo anno: «... Apouquenta-me bastante não poder mandar-vos já os versos do conde da Ericeira, porque, para os achar, ser-me-hia preciso remexer toda a papelada, que não é pouca, e demais d'isso (aqui vem o lanço da probidade de Boileau) não acho que os versos sejam dignos de publicidade. É empresa de costa acima escrever em lingua estranha, quando não temos frequencia dos naturaes do paiz; e tenho por seguro que se Terencio e Cicero voltassem ao mundo, ririam a trancos das obras latinas dos Fernel, dos Sannazaros e Muret. Não duvido que haja bastante espirito nos versos francezes do illustre portuguez de que se trata; mas, francamente, são portuguezes de mais, pelo mesmo theor que ha muito francezismo nos poetas francezes que hoje em dia escrevem latinamente, etc.»

Confronte-se esta carta com a das louvaminhas ao traductor.

Esta carta appareceu pela primeira vez na edição de 1716, feita por *Brossette*, a quem ella fôra escripta. Mau serviço prestou o editor ao seu amigo.

O conde da Ericeira, fallecido em 1743, provavelmente viu a carta; e, comparando-a com a outra, resolveu não publicar a sua versão da *Arte poetica*, desgostoso do seu trabalho, e repleto de nojo do seu panegyrista de 1696 e detrahidor de 1702.

Como quer que fôsse, na parte II do *Almanach das Musas* appareceu, depois da morte do conde, a traducção do poema do academico francez; e na edição de 1818 vem tambem a versão da carta de Boileau. Essa foi o mais mordente ultraje que se fez á memoria do nosso sincero conde.

Este rasteiro sestro da lisonja impressa, rubricada por nomes insignes, e desmentida nas cartas particulares e nas palestras á puridade, é peste que arde em Portugal, desde que a critica se desafourou em desbragada injuria por parte da ralé das letras, ou em zumbaias ironicas por parte dos desembargadores em Apollo.

Desprézo e detesto ambas as especies.

Coimbra, 12 de maio de 1875.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## A RAPOSA E AS UVAS

Dizem que as musas castas d'outras eras  
Devem metter-se agora a petroleiras,  
E esfolharem-se as vívidas roseiras,  
Enfeite das caducas primaveras;

Que o tempo das visões e das chimeras  
Desfez-se, á luz das cousas verdadeiras,  
Que é nescio o amor, que as aves são palreiras,  
E que ninguém se importa com as esferas.

Eu ouço dizer isto em rima varia,  
E, enfim, que é bom pôr termo a tantas pêtas,  
Que a *idéa nova* é nova... e proletaria.

Ó Herodes crueis das borboletas!  
Quem vos déra a varanda solitaria  
Onde scismam as pallidas Julietas!

E. A. VIDAL.

## NOVO PETRARCA

—«Ia o sol desmaiando no occidente,  
E disseste-me então: — Ah! dôce amante,  
Ditosa eu fôra se inspirasse um Dante:  
Em seus cantos vivera eternamente!»

«Fez-se em minh'alma a luz. Um poema ingente  
Inspirado encetei desde esse instante.  
Aqui o tens, oh musa; em tom vibrante  
N'elle celebro o nosso amor ardente.»

E mais lhe disse o trovador: — «No Pindo,  
E na fonte ao deus loiro consagrada  
Estes versos compuz de amor infindo.»

E ella com voz dôce e namorada:  
—«Oh! como és bom, e que poema lindo:  
Excede a Joven Lilia abandonada!...»

JOÃO PENHA.

## TRISTEZA

Quero que sejas tu, minha tristeza,  
a noiva que me dê o infindo abraço;  
a noiva que me leve pelo espaço  
a perder-se no azul da natureza.

Não ha de certo, não, em todo o mundo  
uma noiva mais bella e mais risonha;  
um anjo que os seus labios sobreponha  
nos labios terreaes d'um moribundo.

Sahi do ninho, ó aves da saudade,  
vinde cantar-me o dithyrambo agreste:  
quero ter uma c'rôa de cypreste,  
— conviva do festim da eternidade.

Ondas do mar — captivo impenitente —  
brancas ondas da fonte e do ribeiro,  
levae o meu queixume derradeiro  
ás derradeiras praias do occidente.

A minha magua ergueu-se com a aurora,  
desfez-se n'uma nuvem luminosa,  
e quando desce — orvalho n'uma rosa —  
com rapidez de novo se evapora.

Não me busqueis no rosto macilento  
a dôr que me esphacela na agonia...  
Eu sou o pó que descansou do vento,  
eu sou a noite que acompanha o dia!

S. João da Foz 29 — 9 — 74.

SOUSA VITERBO.

## ESTUDOS LITTERARIOS

### POESIA GREGA

A litteratura da Grecia teve o berço na época fabulosa que precedeu a guerra de Troia, e o tumulo no meio do seculo xv, quando os turcos se apoderaram de Constantinopla. No entanto, nem mesmo a sua morte a tornou improductiva, porque d'ella, como a Phenix das proprias cinzas, nasceram outras litteraturas, a que a independencia da Grecia, no seculo xix, preparou uma nova existencia.

A litteratura grega é de todas a que abrange um espaço de tempo mais consideravel.

Fallemos da sua poesia, a qual sempre antecede a prosa na revelação dos pensamentos: a vivacidade das primeiras impressões da alma, e a necessidade que ella tem de submeter á medida a expressão da idéa, para que a memoria mais facilmente a conserve, assim o exigem.

Em seis épocas, segundo Schoell, se divide naturalmente a poesia entre os gregos, definidas e distinctas umas das outras pelo deslocamento do centro litterario, e, ainda, pelas evoluções historicas da idéa.

Classificaremos rapidamente cada uma d'estas épocas, e apresentaremos depois os poetas mais notaveis e que mais as illustraram.

\* \* \*

A primeira época da poesia hellenica, chamada « mythica », que teve origem nas brumas indecisas dos tempos heroicos, e que termi-

\*

nou com a guerra de Troia, 1270 annos antes de Christo, legou-nos apenas os nomes d'alguns poetas, legisladores e theologos, cujos cantos religiosos iniciaram a civilisação entre os povos barbaros da Thracia e da Grecia. A poesia d'este periodo tem um caracter sacerdotal, em que a fabula se amalgama com a historia, aureolando com a veneração, os nomes de Lino e d'Orpheu, poetas de existencia duvidosa.

A segunda época, 1270-594, antes de Christo, e que póde appellar-se « heroica » ou « homerica », com quanto assignalada pelos poemas de Homero, quasi que os unicos que a constituem, é, todavia, illustrada por Hesiodo. A Asia Menor é, então, o foco principal do movimento politico.

Depois da epopêa apparece a poesia cosmogonica, moral e didactica, produzindo, quasi ao começar o periodo seguinte, cantos lyricos, elegias e satyras.

Esta época tem o cunho d'uma grandeza deslumbrante, apresentando, depois de Homero e de Hesiodo, Alceu, Sapho, Archiloco e Tirteu.

A terceira época, denominada « atheniense », 594-336 antes de Christo, que é considerada como a idade d'ouro da poesia grega, principia em Solon e acaba no reinado de Alexandre.

E' então que o genio, como aguia d'alentados vôos, sobe ás paragens da perfeição, e que o brilho, enlaçado á virilidade dos assumptos, imprime ás obras que produz, o caracter da belleza perduravel, a que nunca falta a homenagem das gerações futuras.

E' n'esta época, em que a poesia lyrica faz sobresahir Semonides, Anachreonte e Pindaro. Mas n'este genero de litteratura, a principal gloria d'aquelles tempos, provém das obras dramaticas, levadas á perfeição por Sophocles, na tragedia, em que excede Eschylo e segue Euripedes; e por Aristophanes, na comedia politica.

Pericles imprimiu o seu nome ao periodo brilhantissimo d'aquella evolução poetica, que teve por centro principal Athenas.

Deslocou-se a poesia na quarta época, indo florescer na Alexandria, na côrte dos Ptolomeus, quando a Grecia, humilhada por Alexandre, e opprimida pelos que lhes succederam no throno, viu perdida a independencia, que tanto amava.

N'esta época, a poesia artificial que conservou o nome de « alexandrina » não era minguada de louçanias, mas destituída da força e da verdade que recebeu no seculo de Pericles.

No entretanto, produziu Theocrito, elevado pelos seus idyllios á altura dos mestres, não deixando, ainda, de ser honrada com os nomes de Climaco, Aratus, e Apollonio, a que ainda se acrescenta o de Lycophron, tristemente celebre pela obscuridade do seu estylo.

Assim, a poesia foi successivamente brilhando na Thracia, na Asia Menor, Athenas e Alexandria. A Europa, Asia Maior e a Afri-

ca viram como o genio grego se naturalisou, desabrochando em condições differentes e em climas variados.

Na quinta época, 146 annos antes de Christo e 306 de Christo, a litteratura disseminou-se.

A Grecia vencida, leva a toda a parte, sob os auspicios de Roma, os monumentos do seu genio e as suas artes degeneradas. A poesia, activa ainda, torna-se pobrissima d'inspiração.

Este periodo, que tem o nome de « greco-romano », apenas cria composições frivolas, e de curto folego, ou versifica a sciencia em longos tratados didacticos, em que só se reconhece a fórma exterior da poesia. Termina com a elevação de Constantino, o Grande, e só póde citar, sem desdouro, os nomes d'Oppiano e de Babrio, e este ultimo disputado, ainda assim.

A ultima época, denominada « byzantina », 306-1453 de Christo, é menos esteril que a precedente.

Byzancio, ou Constantinopla, tendo-se convertido, com prejuizo de Roma, em capital do mundo, attrahiu a si o phantasma sobrevivente da poesia. O Baixo Imperio não tinha para a inspirar, o que ella por tradição chamava musas, nem tinha a liberdade que eleva as almas, nem a gloria que não compensa a liberdade, mas que póde fazel-a esquecer.

Os metrificadores d'aquelle tempo, em geral, limitaram-se a lisonjear os grandes em pequenas composições, que não pediam a gloria em recompensa.

Comtudo, sob a influencia da religião christã e da philosophia de Platão, produziu alguns cantos inspirados. Fizeram-se, além d'isto, apreciaveis tentativas para se reporem em logar d'honra, em novas epopêas, as tradições dos tempos heroicos.

Em quanto S. Gregorio inaugura com exito brilhante a poesia christã, Museu, Quinto de Smyrna e Colluthus acordam a musa dormente e enfraquecida do velho Homero.

Esta ultima época termina com a tomada de Constantinopla, que arrasa o imperio do Occidente.

\* \* \*

Das seis épocas da litteratura poetica grega, as duas primeiras são caracterisadas pela inspiração natural do genio; a terceira pela falta da intima e harmonica alliança da Arte com o Bello; e a quarta pelo dominio da Arte, que cede o logar ao officio, nas seguintes.

A poesia exclusivamente lyrica e religiosa, na primeira idade, torna-se, depois, epica e heroica; no periodo seguinte, extremamente dramatica; pastoral, na côrte dos Ptolomeus, e, durante a decaden-

cia do imperio, e do Baixo Imperio, seria quasi exclusivamente didactica, se, na época « byzantina » a imitação dos poemas de Homero e a influencia do christianismo, lhe não dessem o ornato d'alguma dignidade <sup>1</sup>.

(Continúa).

ALFREDO CAMPOS.

## NO TEMPLO

Oh Christo, oh sonhador da fronte macerada,  
Eu choro ao vêr-te assim nos braços d'essa cruz,  
Orando aos céos por nós! mas se entra a minha amada  
Esqueço-me de ti, oh pallido Jesus!

Perdôa-me se venho ao templo silencioso,  
Profanando os clarões das lampadas dormentes,  
Viver na dôce luz d'um sonho esplendoroso,  
Rebelde o labio impuro ás orações dos crentes.

Pois esse grande amor, que as almas incendêa  
E meu peito cobriu da lava dos volcões,  
Lançando aos braços meus a pérfida cadêa,  
As preces me transforma em languidas canções.

<sup>1</sup> Alexis Piron, *Littérature grecque*.

E desde que brilhou a lúcida alvorada,  
E pude achar-te em fim, oh minha loura amante,  
Sinto est'alma vogar, perdida, incendiada,  
No lubrico fulgor d'um sonho deslumbrante.

Mas a dama gentil dos languidos amores,  
Essa mulher, pagã nas fórmas voluptuosas,  
Nem divaga ao luar colhendo brancas flôres,  
Nem se mostra ao balcão em noites amorosas.

Tem um dôce viver, modesto e recatado,  
N'um ermo silencioso a candida donzella,  
E em vão de noite ergui o canto enamorado  
Aos virentes festões da tacita janella.

Se nunca a pude achar em populosas festas!  
Se nunca a pude vêr em floridos jardins!  
Em vão a procurei nas solidões modestas,  
E percorri do val os murmuros confins!

Um domingo, porém, buscando solitario  
A paz das orações em minha dôr escura,  
Eu pude vêr, oh Christo, á luz do teu sanctuario  
A candida mulher, a pallida figura.

Hoje vivo feliz, e á minha dôce amada  
Já tenho surpreendido o casto olhar a medo,  
E a velha cathedral, discreta e sombreada,  
Sabe do nosso amor... e guarda-nos segredo.

Na missa da manhã seu rosto ideal contemplo  
No morbido langôr dos esmaiados lirios,  
E quando a vejo assim, á branda luz do templo,  
Deslumbro-me a sonhar incognitos idyllios.

Oh Christo, oh sonhador da fronte macerada,  
Eu choro ao vêr-te assim nos braços d'essa cruz,  
Orando aos céos por nós! mas se entra a minha amada  
Esqueço-me de ti, oh pallido Jesus!

LUIZ DE ANDRADE.

## VÃO-SE OS DEUSES

O velho Satanaz da lenda obscura,  
O deus omnipotente do peccado,  
Foi-se ha muito da terra, aniquilado  
Pelos ultrajes d'uma sorte escura.

Já moribundo e triste, o sem ventura  
Inda na bossa d'um camêlo aguado  
De cidade em cidade era mostrado  
Á arraia ignobil que histriões procura!

E nem sequer um funebre « aqui jaz »  
Hoje assignala em monumento erguido  
As reliquias do pobre Satanaz!

Até contam que um sabio, garantido,  
Encontrando-lhe a ossada, em these audaz  
Provou que uns ossos taes... só d'um marido!

30 de maio de 75.

JOÃO PENHA.



---

## VITA NUOVA

E mandas tu, mulher, que os olhos lance  
às solidões escuras do passado,  
onde se occulta o pallido romance,  
o poema febril e amargurado  
    dos teus pobres amores!  
como se por ventura eu encontrasse  
um prazer duradouro ou momentaneo  
em tocar, em sentir unido á face  
    um hediondo craneo!

O passado, mulher, pertence á historia,  
a deusa austera, imperturbavel, fria,  
cujos mysterios nem tu mesma sondas:  
e eu procuro, bem sabes, outra gloria,  
outro canto melhor, outra harmonia,  
    mais bellos esplendores:  
nas crystallinas e morenas ondas  
    do teu formoso seio,  
    ninho de mil desejos,  
dormir a noite do sonhar dos beijos!

CUNHA VIANNA.

---

## PERFIS CONTEMPORANEOS

I

### VENUS DO ASPHALTO

(A JOÃO PENHA)

Subjuga, pela fórma esculptural e bella,  
Magestosa e opulenta, as fátuas multidões;  
E, ao vê-la perpassar, muita ingenua donzella  
Lhe inveja intimamente as vis adorações.

Faz praça do impudôr: — acena da janella,  
Mesmo em publico acceita ignobeis ovações;  
E na lascivia azul dos grandes olhos d'ella  
Nadam, ebrios de luz, os falsos corações.

Formidavel luxuria a verbera sem treguas,  
— Selvatica, feroz, furiosa como as eguas,  
Quando os sopros de abril lhes insufflam o ardor;

Exhala as tentações dos seios nus trementes,  
E é como um arsenal de graças impudentes  
A Venus Asphaltite, a panoplia do amor.

Porto.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

## ULTIMAS LINHAS

O livro mais notavel dos que ultimamente têm visto a luz publica em Portugal, é com certeza o das *Viagens* de Luciano Cordeiro, escriptor galhardamente conhecido entre nós como um dos mais estrenuos paladinos das idéas modernas de reforma geral.

A gravidade stoica do moço philosopho, attenuada não obstante por uma generosa condescendencia para com habitos mais geralmente seguidos; e o fim proveitoso a que sempre tem mirado em suas publicações, fizeram-nos desde logo conjecturar que as suas *Viagens*, previamente annunciadas, iriam occupar um logar distincto, não entre o primitivo *Roteiro da viagem de Vasco da Gama á India*, e as phantasticas *Viagens á lua* de Lucano e de Edgar Poë (Hans Pe-fall) ultimamente correctas e augmentadas por J. Verne; — mas entre as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, e as numerosas *Viagens* do magnifico hebdomadario parisiense *Le tour du monde*.

O novo livro, longe de desmentir estas nossas conjecturas, veio confirmal-as amplamente, revelando-nos, de mais a mais, em Luciano Cordeiro, qualidades novas, que ninguem lhe conhecia.

Effectivamente, na viagem a Hespanha ha capitulos, onde, a par do humor genuinamente britannico de Swift, e da ironia biliosa de

Byron, encontrámos a melancolica expansão e o religioso enthusiasmo de Lopes de Mendonça nas suas *Recordações de Italia*; — e o moço viajante, novo Protheu das letras, ora se nos afigura um simples *touriste* da Regent-Street, que de volta á patria conta a John Bull maravilhado uma scena de bandidos na floresta de Viterbo, uma serenata em gôndolas nas aguas do Rialto; — ora um poeta realista, que se desempenha generosamente de obrigações contrahidas com um editor opulento; — ora um historiador, que dos factos do passado quer deduzir a lei de evoluções modernas; — ora um philosopho, que sobre as ruinas d'um burgo solitario, reconstroe, pedra a pedra, columna por columna, um templo, um circo romano, uma cidade inteira; — ora, finalmente, um artista sincero, que se extasia em face dos esplendores da natureza, e das maravilhas da arte.

Haja vista aos capitulos que abrangem toda a *Viagem a Hespanha*. São capitulos verdadeiramente admiraveis.

Entre elles, não obstante, debalde procurámos um, que nos explicasse d'um modo cabal o estado de contínua agitação, a instabilidade de idéas politicas, a ancia de mutações inesperadas; a febre de revoluções, o amor pelo garrote, a veneração pelo carrasco e o beatifico enthusiasmo da nação hespanhola por tudo que seja ruina, destruição e morte; que nos explicasse a razão incoercivel d'esta evolução cahotica, em meio da paz tranquillada das outras nações da Europa.

Essa razão, quereis saber qual é?

O abuso do chocolate.

Os hespanhoes, como todos sabemos, conquistaram o Mexico em 1520, e quando voltaram á patria trouxeram d'aquellas regiões ardentes o fructo do cacaoeiro, e conjunctamente com elle, no porão das mesmas galeras, uns principes indigenas, os quaes em meio d'uma academia de cozinheiros doutos revelaram o segredo de o preparar á mexicana.

O povo hespanhol provou do novo alimento: achou-o bom, salutar, agradável, aromatico; — e sorriu-se de contente, e bateu as palmas de jubilo, como era de uso no seculo XVI.

Os principes indigenas, como os augures de Cicero, tambem sorriram entre si.

Dentro em pouco a nova bebida tornou-se a bebida da moda, a bebida nacional, o alimento de todas as horas, a delicia de todos os paladares; e esta substancia, aparentemente inoffensiva, mas que tomada sem conta nem medida produz effeitos mais terriveis que o gin em Inglaterra, o cognac em França e o opio na Turquia, de tal modo se consubstanciou nos hespanhoes, que muitos d'elles, vistos de longe, pareciam feitos... de chocolate!

E este demonio insidioso, dominando, como senhor absoluto, em todo o canal digestivo da nação hespanhola, transformou este povo

cavalheiro e generoso n'um povo intolerante, mau, colerico e hemorroidal.

D'aqui os autos-de-fé que caracterizam este periodo (1559). Estes autos eram, por assim dizer, o chá de flôr de malva, de que se usava então contra as ardencias intestinaes, de que todos padeciam.

O chocolate no entanto ia proseguindo na obra de destruição que havia encetado, e sem abandonar o canal digestivo da malfadada nação, passou a atacar-lhe a viscera das paixões violentas: o figado; — e para logo os descendentes de Ruy Diaz de Bivar, possessos do liquido que rescende á baunilha, se desentranharam em actos d'uma tal ferocidade, que o sol em varios dias, seus raios apartou da vista d'elles, como da seva mêsa de Thyestes, quando os filhos por mão d'Atreu comia!

D'aqui as guerras do absolutismo, que caracterizam este segundo periodo: o bilioso.

Actualmente, a nação hespanhola vae de mal a peor: um odio figadal, terrivel, incessante; um odio por tudo e por todos; um odio vago, sem sentido, sem causa, e sem razão, eis a suprema lei que lhe dirige os movimentos, e a vae aproximando das voragens insondaveis onde desaparecem as nações maldictas.

E Portugal, que, apesar de velho, ignora o que seja medo; — assiste á lucta em que ella hoje mesmo se debate, como assistiria n'um circo romano a uma lucta de elephantes e rhinocerontes: horrorisado!

Tal é, segundo nos parece, a causa da evolução moderna do povo hespanhol.

Conhecida ella, é facil ao rei salvar a Hespanha.

Os principes indigenas do Mexico já se acham amplamente vingados: — fuzile-se o chocolate!

Este capitulo não o encontrámos no livro de Luciano Cordeiro.

Mas voltemos ás *Viagens* do nosso excellent collaborador.

Uma das maiores difficuldades de execução litteraria é com certeza a descripção de paizagens. Innumeradas soluções de continuidade, a impotencia do colorido, e a indecisão dos contornos, são defeitos que a penna mais vigorosa jámais poderá vencer completamente.

Balzac e Victor Hugo, que passam por mestres no genero, no desenho de suas paizagens não vão além da photographia, que é para a natureza, como diz F'argueil, o que o realejo é para a musica.

Pois bem, esta difficuldade, que um dos primeiros romancistas, e o maior dos poetas dos tempos modernos não puderam vencer, venceu-a Luciano Cordeiro.

Os seus panoramas são verdadeiros quadros a oleo. Nitidamente accentuados, e vigorosamente coloridos, vê-os o leitor deante de si tão perfeitos e acabados, como veria uma paizagem de Claudio Loreno.

É que Luciano Cordeiro nasceu pintor, e se um phrenólogo, discípulo de Gall, lhe estudasse as protuberancias craneanas, temos como certo que lhe encontraria amplamente desenvolvida a bossa da arte do colorido e do genio da pintura.

Recomendâmos as *Viagens* aos nossos benignos leitores: livros d'estes são raros.

\* \* \*

Os filhos de Satan, os da flôr do mal ao peito, são ainda mais ferozes que seu papá.

Ora, Eduardo Vidal, que ainda os não conhece bem, vibrou-lhes a zargunchada innocente da *Raposa e as Uvas*.

Ao prevêrmos um lance temeroso, e receando pela existencia litteraria do sonoro poeta do Chiado, pozemos em nossa frente a galea, abraçámos o escudo, e erguida a lança, declarámo-nos em prol do satanismo desconceituado, e vibrámos o *Novo Petrarca* á propria face do maior dos nossos poetas lyricos.

Desculpe-nos o preclaro ancião; — mas era forçoso salvar o nosso Vidal... mesmo á custa da joven Lilia.

\* \* \*

Entre os livros que nos tem sido enviados, avulta um de João Bonança, intitulado *Reorganisação social*. Tanto d'este, como dos outros, daremos em breve a competente noticia aos nossos fleugmaticos leitores.

JOÃO PENHA.



## Summario

---

I — Litteratura hespanhola — Amador de los Rios..	<i>J. Simões Dias.</i>
II — Angelica.....	<i>Thomaz Ribeiro.</i>
III — Nô cego.....	<i>Alberto Telles.</i>
IV — A gallinha da visinha (conto).....	<i>Augusto Sarmiento.</i>
V — Mystério insondavel.....	<i>Alfredo Campos.</i>
VI — Ouvindo musica.....	<i>C. de Figueiredo.</i>
VII — Sinceridade de Boileau.....	<i>C. Castello Branco.</i>
VIII — A raposa e as uvas.....	<i>Eduardo A. Vidal.</i>
IX — Novo Petrarca.....	<i>João Penha.</i>
X — Tristeza.....	<i>Sousa Viterbo.</i>
XI — Estudos litterarios.....	<i>A. Campos.</i>
XII — No templo.....	<i>Luiz de Andrade.</i>
XIII — Vita nuova.....	<i>Cunha Vianna.</i>
XIV — Venus do asphalto.....	<i>M. Duarte d'Almeida.</i>
XV — Vão-se os deuses.....	<i>João Penha.</i>
XVI — Ultimas linhas.....	<i>João Penha.</i>

CONTENIDO

I - Introducción	1
II - Argentina	11
III - El caso	111
IV - A guisa de ejemplo (caso)	115
V - El caso (caso)	117
VI - El caso (caso)	119
VII - El caso (caso)	121
VIII - El caso (caso)	123
IX - El caso (caso)	125
X - El caso (caso)	127
XI - El caso (caso)	129
XII - El caso (caso)	131
XIII - El caso (caso)	133
XIV - El caso (caso)	135
XV - El caso (caso)	137
XVI - El caso (caso)	139